

Folha de S. Paulo

28/02/1993

Garoto apanha algodão ainda de chupeta

Da Agência Folha,

em Querência do Norte (PR)

As crianças formam um importante grupo de mão-de-obra na colheita do algodão. E começam bem cedo. Apesar de trabalhar desde os três anos de idade em condições praticamente iguais às dos adultos, Joseli Matos Silva, 6, não abandonou o hábito de usar a chupeta.

Ele mora com a mãe Eli Silva, 52, e três irmãos em Santa Cruz do Monte Castelo. Toda a família trabalha durante quatro meses do ano na colheita do algodão.

Segundo Eli Silva, Joseli colhe dez quilos de algodão por dia. A mãe conta que, "mesmo assim", o filho não se acostumou com o trabalho. "Vez por outra, ele some entre o algodoeiro e só volta no final da tarde. A gente não pode parar o trabalho para procurar porque senão a gente não ganha dinheiro", conta a mãe.

O fato de trabalhar como bóia-fria não tira a vaidade da menina Adriana Mendes, 7, que trabalha também na colheita de algodão.

Ela pinta, pelo menos duas vezes por dia, as unhas das mãos com esmalte cor-de-rosa antes de trabalhar nas lavouras.

Abandonada pela mãe quando tinha quatro anos, Adriana mora com a avó, Raquel Pinheiro, 76, no município de Santa Isabel do Ivaí. "Como já estou muito velha, a Adriana garante praticamente todo o sustento da casa", disse.

Boiadeiro

No dia-a-dia da colheita, o que mais se ambiciona é mudar de vida. Criado no campo desde que nasceu, Célio Farias, 8, sonha um dia em largar a vida de bóia-fria para ser peão boiadeiro. "Quero ser bastante aplaudido ao montar nos cavalos bravos". Como a maioria das crianças de sua cidade, ele ajuda desde os quatro anos de idade os pais no sustento da casa. "Um dia, ainda quero ver meu filho ganhar uns carrões daqueles grandes num rodeio", afirma a mãe Odete Farias enquanto colhe o algodão. (Amaury Ribeiro Jr.)